

PAULO FREIRE E MINHA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: EDUCAÇÃO, ESCOLA, ESPERANÇA E VIDA

Odorico Ferreira Cardoso Neto (UFMT/CUA/ICHS) – E-mail kikoptbg@gmail.com
GT 12 - Formação de Professores

Resumo:

No ano de comemoração do centenário de Paulo Freire, o artigo apresentado pretende produzir um relato de experiências/ensaio teórico em vista do legado do patrono da educação e a possibilidade de uma atitude comunicativa com seus escritos. O diálogo proposto é entre a importância do pensamento de Paulo Freire e o processo que envolve a formação inicial e continuada dos educadores, seus processos de conquista, de construção, de criação no chão da escola. Algumas das interpelações deste ensaio sinalizam para o cotidiano de nossos fazeres, pensares, agires educacionais que nos potencializam enquanto sujeitos pensantes no front da luta a favor a emancipação social, a partir da pedagogia do oprimido afrontando contraditórios: diálogo/conflito, amor/ódio, democracia/ditadura, prisão/liberdade entre tantas outras dicotomias. O objetivo textual é problematizar o que nos inquieta a fim de contribuir com a construção de uma sociedade que faça e pense a favor da emancipação, da cidadania, da transformação, da empatia, da igualdade e da vida digna. A relevância deste texto assenta-se ao campo educacional, tendo como pressuposto insistir na importância do diálogo crítico, permeável de disposição genuinamente participativa.

Palavras-chave: Educação. Escola. Experiência Profissional. Paulo Freire.

1. Introdução

O ano da comemoração do centenário de Paulo Freire é especial e o artigo apresentado é um relato de experiências/ensaio teórico em vista do legado do patrono da educação e a possibilidade de uma atitude comunicativa com seus escritos. Metodologicamente, o diálogo proposto é entre a importância do pensamento de Paulo Freire e o processo que envolve a formação inicial e continuada dos educadores, seus processos de conquista, de construção, de criação no chão da escola que requerem envolvimento, consciência cidadã da realidade, requerem abertura às racionalidades dadas e as que estão se constituindo.

Algumas das interpelações deste ensaio sinalizam para o cotidiano de nossos fazeres, pensares, agires educacionais que nos potencializam enquanto sujeitos pensantes no *front* da luta a favor a emancipação social, a partir da Pedagogia do Oprimido afrontando contraditórios: diálogo/conflito, amor/ódio, democracia/ditadura, prisão/liberdade entre tantas outras dicotomias. Para Moacir Gadotti (2019, p.5), “a Pedagogia do Oprimido é uma espécie de mapa de navegação em tempos nebulosos” (...), também

é um marco na história do pensamento pedagógico universal. Como livro síntese da concepção libertadora da educação, ele desvelou as artimanhas da pedagogia do colonizador e colocou um poderoso instrumento de luta nas mãos dos oprimidos, dos que com eles são solidários e dos que com eles lutam. (GADOTTI, 2019, p.6)

O objetivo textual é problematizar o que nos inquieta a fim de contribuir com a construção de uma sociedade que faça e pense a favor da emancipação, da cidadania, da transformação, da empatia, da igualdade e da vida digna.

A relevância deste texto assenta-se ao campo educacional, tendo como pressuposto insistir na importância do diálogo crítico, permeável de disposição genuinamente participativa, pois, estamos “roucos” do silêncio perturbador dos que aparentemente estão esperançosos, mas resistem ao plural, ao novo, ao diferente.

Pensar o pensamento de Freire é ato investido de alegria, compromisso e amorosidade com sua dedicação destemida a favor da educação, tem a ver com a presença da universidade pública para além de seus muros e paredes, tem alicerces fincados no ensino, na pesquisa e na extensão desenvolvida no cotidiano da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia (CUA) em Barra do Garças.

2. A dialogicidade em tempos de silêncios, barbárie e negacionismos

Para Jaime José Zitkoskio (2010, p.236),

(...) diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso *ethos* cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca.

Os solavancos do retrocesso, tendo como horizonte o golpe cívico-midiático de 2016, obriga que a transformação da realidade seja construída em pleno campo de batalha da guerra cultural.

Existem soldados rasos, por exemplo, em três representações da face neonazista do governo Bolsonaro – o *Führer* tupiniquim: o Secretário de Cultura que mal sabe escrever; o Presidente da Fundação Palmares – exterminador da defesa do lugar de fala dos negros no Brasil; o Ministro Paulo Guedes que não esconde o seu desprezo pelos pobres ao afirmar que não podem ir para a universidade (“até o filho do porteiro do meu prédio está lá”); não podem andar de avião – ir a Disney – nem pensar; não podem ter vida digna. Freire (p.12, 1987) nos diria sobre os apocalípticos cães de guarda da casa grande: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Existe uma batalha sem fim contra a onda negacionista do obscurantismo fundamentalista na condução do governo central, em que os **esfarrapados do mundo** cada vez mais **esfarrapados** se confrontam com uma **casa grande** cada vez mais sedenta em “vampirizar”, culpabilizar o pobre por sua pobreza, colocar na canga dos que querem trabalhar um fardo de muitas arroubas de preconceito e mentiras históricas.

No cenário educacional de 2021, prevalece a ideia da não dialogicidade, ela é o simulacro de uma religiosidade sem Cristo, do silêncio obsequioso daqueles que convivem com os raptos da esperança, dos gritos sufocados dos miseráveis em busca de pão, daqueles que estão sufocados pela barbárie. O pensamento de Paulo Freire nos ajuda ter coragem cidadã em não aceitar o estado das coisas como se apresenta. É uma resistência franciscana em que “onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver ofensa, que eu leve o perdão, onde houver discórdia, que eu leve a união, onde houver dúvidas, que eu leve a fé, onde houver erro, que eu leve a verdade”.

Na esteira da ignorância estatal e no amparo eleitoral daqueles que aceitam serem tratados como “gado”, precisamos construir nosso lugar de fala, amparados pela esperança e pela memória resignificada em que

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, p.110-111)

Dentro de um contexto de perplexidade e de obviedades, reafirma-se a educação como um dos principais meios de realização de mudança social, ao mesmo tempo que provoca desigualdade, tendo em vista a contraposição da práxis da escola plural, cidadã, de luta, humanitária,

emancipatória e a escola tradicional, ao modo de Adam Smith, em que os pobres deveriam receber/ter “educação em conta-gotas”.

O exercício humanizador da educação pensa que o processo educacional nunca está pronto e acabado, é essencialmente dialético, pode ser reinventado, transcende a aventura humana, transformada em esperança que se fundamenta em acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico, quanto no ato político que se trava por outro tipo de escola, por outro tipo de mundo, a educação pode ser ao mesmo tempo, movimento e ordem, sistema e contestação.

O estilo de vida sustentável, que combate o sistema e educa para outros mundos possíveis tem o horizonte apontado para a construção de um projeto de autonomia, amparado na compreensão de que o sentido da democracia completa a dimensão da educação e da escola como necessidade política do homem quando se pergunta: “A que, e a quem serve a educação, a escola e a própria política”? Assim posto, há que se vislumbrar o caráter político do homem expondo sua criação e sua relevância no que se refere à imaginação criadora, a reinvenção social da educação e da escola, fortalecendo a noção de sujeito de direitos.

O referencial teórico da minha prática como educador tem muita similitude com a Pedagogia do Oprimido ao fazer o enfrentamento do dualismo educacional e com a Pedagogia da Autonomia quando indica que a educação não é linear, se expressa nos seus altos e baixos, é luta cotidiana contra as desigualdades, ação pensar/refletir cotidianamente sobre a contradição da educação humanizadora versus educação mercantilista.

Em sendo assim, “não basta incluir, é preciso emancipar”, é preciso ser movido pela esperança, pelo sentido e poder de atuação que cumpre importante função estratégica para o desenvolvimento do país, das instituições e das pessoas.

Para superar a tendência “do já feito”, a proposição é antiga, mas nunca completada: democratizar o conhecimento acadêmico, promovendo a participação da sociedade, formando o cidadão para a vida e para o mundo. A proposição tem o desafio de compreender que não se deve e não se pode apenas ouvir falar de Paulo Freire, mas refletir e colocar em prática suas teorias e concepções de educação, escola e política.

“A insustentável leveza do ser” busca equilíbrio numa educação que misture simplicidade e ousadia, articule um novo conceito de educação, escola, política, sala de aula, currículo e de ação integrada, que invista numa abordagem impregnada pela “utopia e pela ideia de que o mundo pode ser melhor”. A possibilidade de enfrentamento segue a trilha “que centra a

educação nas pessoas e não no indivíduo, não é fatalista, não nega a utopia em que mudar as pessoas são processos interligados, interdependentes e convergentes”.

Existem muitos meios de que os homens lançam mão para satisfazerem suas necessidades, considerando que pode ocorrer onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra. Lembra Ivan Illich não como “sociedade sem escolas”, mas como “sociedade descolarizada” no dizer de Gadotti. É mais um diálogo a ser feito, pois não é igual à proposta governamental do *home schooling* (ensino em casa) caso alguém queira confundir as coisas. No dizer de Illich

Não é possível uma educação universal através da escola. Seria mais factível se fosse tentada por outras instituições, seguindo o estilo das escolas atuais. Nem as novas atitudes dos professores em relação aos alunos, nem a proliferação de práticas educacionais rígidas ou permissivas (na escola ou no quarto de dormir), nem a tentativa de prolongar a responsabilidade do pedagogo até absorver a própria existência de seus alunos vai conseguir a educação universal. A atual procura de novas saídas educacionais deve virar procura de seu inverso institucional: a teia educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado, de participação, de cuidado. (ILLICH, p.14, 1985)

A teia tecida pelos pensamentos de Paulo Freire e Illich encontram-se convalidadas a partir do pressuposto da oportunidade de cada um se transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado, de participação, de cuidado. Tais processos se constituem ao

(...) considerar a atualidade e o vigor inspiracional como portadores de horizontes compreensivos a partir de atividades, dinâmicas, vivências distintas, tornando capaz de tecer redes cujos fios, texturas e cores favoreçam mosaicos que instigam a memória, situam espaços, demarcam tempos e *in* - formam perfis diversos. Impressões e modos de expressão tão diferentes que tornam real a experiência dialógica. (ABICALIL, p.2, 2021)

O sabor, a textura, a densidade, a intensidade do pensamento de Freire instigam compreender as relações opressor e oprimido impulsionando a reflexão que precisa ser explicada pela atualização temporal de nossa prática

(...) necessitada de temas geradores impregnados de desafios pedagógicos, fundamentos teóricos e metodológicos, de gestão pública da educação escolar, de ética, de filosofia, de metodologia, de pesquisa, de experimentação, de

mobilização transformadora, de construção coletiva sem temor da crítica, da criação e da liberdade. Toca no imperativo categórico do exercício profissional, na tensão entre a norma e a realidade, entre a autoridade e a legitimação, o silenciamento e o despertar da mudança, o já vivido e o ainda não muito desejado. Em comunidade, em rodas de conversas desprovidas de barreiras hierárquicas e produzidas com a intencionalidade do encontro e da superação. Na produção dos círculos de cultura em que os saberes podem, exercem sua força e produzem formosuras não percebidas ainda. (ABICALIL, p.2, 2021)

A dialogicidade em tempos de silêncios, barbárie e negacionismos, ao mesmo tempo desafiante e intrigante, levou a produzir algumas práticas interessantes como o projeto “100 anos de Paulo Freire: esperando e suleando outra educação possível” em que os verbos estão prechos do novo, conjugados em gerúndio, muito da gênese do in-terminado modo de ver, ler e expressar as percepções humanas nas nossas relações no/com o mundo em movimento permanente.

O diálogo nos chama atenção e acaricia o amor à democracia, a nossa capacidade de se reinventar. Sobre a reinvenção, Freire vaticina

[...] sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental é não seguir-me. (FREIRE. In: FREIRE; FAUNDEZ, 2017,1985, p. 60)

Nossa reinvenção andou sob efeito caranguejo, para o lado, não só, mas para traz! Não nos é permitido perder o rumo da história, pois apesar de todos os esforços em querer uma democracia auspiciosa de justiça, de inclusão social e pertencimento, o impedimento de Dilma em 2016 foi um pontapé na nossa esperança resabiada. Os avanços foram trocados pela truculência daqueles que queriam e querem o patrono da educação brasileira jogado na latrina da história, contudo a latrina está reservada aos seus detratores, especialmente, Olavo de Carvalho, arauto do bolsonarismo e tantos outros quase inomináveis.

Com certeza, existem muitas dificuldades para conseguir reinventar qualquer coisa, não só na educação, mas também na sociedade, na economia e na educação, tendo em vista que a pandemia já levou mais de 550 mil vidas, infectou 21 milhões de pessoas só no Brasil e precarizou mais ainda a educação.

3. **Experiências do vivido em Paulo Freire**

A primeira experiência foi comemorar o centenário freireano, construindo um caminhar, cuja pretensão foi aprofundar algumas reflexões do capital intelectual, cultural, educacional, antropológico, epistemológico e social e a possibilidade de uma conversa com quem ouviu falar, de quem leu a obra e de quem leu sobre em outros autores.

O diálogo proposto teve a ver com o estudo de seu legado, a educação, a escola e a política. O debate foi desenvolvido por meio de um projeto de extensão que se estenderá até o final de 2021, a fim de comemorar a memória do pensamento do patrono da educação no Brasil, considerando que a educação é um dos meios que os homens lançam mão para satisfazerem suas necessidades.

Metodologicamente, a experiência foi realizada por meio de encontros virtuais, constituída de três ações: AÇÃO 1 - Pensamento de Paulo Freire: leitura, análise, difusão e produção de textos; AÇÃO 2 - Categorias do Pensamento de Paulo Freire; AÇÃO 3 - 100 anos de Paulo Freire: contribuições educacionais do patrono da educação brasileira. As ações evidenciaram que a prática da educação libertadora, que liberta para a vida e faz sucumbir a morte está grávida de esperança, pois a liberdade é indispensável à conscientização assumida como finalidade, pois

(...) não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 2000, p. 67)

A relevância do projeto foi que tivemos 160 inscritos, efetivamente, 100 cursistas participaram dos seis encontros virtuais realizados. Aliás, tinha gente até de Angicos. As ações aconteceram nos dias 03/09 e 04/09 (Ação 1); 09 e 10/09 (Ação 2) e 23/09 e 24/09 (Ação 3). O fruto do trabalho é um dossiê que será publicado até o final de 2021.

É possível trabalhar o pensamento de Freire sob vários olhares e o olhar que nos debruçamos foca em uma possível analogia em que é imaginável conversar com nosso patrono no “além”, sugerindo que ele tenha encontros todos os dias com muitos amigos para trocar umas boas ideias e arrebeitar o armário da memória tanto das coisas boas como ruins. Em um desses encontros meio Terra/céu, Gadotti lembra a Freire que aqui vivemos como Chico Buarque vislumbrou em uma de suas canções

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando que também sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão (BUARQUE, 1976, Disco Meus Caros Amigos)

Em tempos de pandemia fazem “mutreta” até com a vacina para Covid 19, estamos à beira de uma nova ditadura, tem desfile militar no Planalto no dia da votação do voto impresso¹, existe muita gente que não quer tomar vacina, existe negacionismo, terraplanismo para todos e para cada um. A educação virou “pandemônio”, um dos ministros da educação no governo Bolsonaro chegou a dizer que na universidade só havia balbúrdia, se andava pelado e se fumava maconha. Contudo, sabemos que 90% da pesquisa produzida em nosso país é fruto do que produzem nossas instituições públicas de educação. Aqui só é teimosia, pirraça, resiliência, pois o “rojão” da nossa existência é enfrentar a ignorância, a violência gratuita, a negação pela negação.

A segunda experiência foi a participação no Projeto de Extensão - Educação em tempos de pandemia: contribuições das ciências humanas e sociais O projeto de extensão teve como objetivo principal discutir com os acadêmicos e membros da comunidade externa temas diversos relacionados à educação que afetam, em tempos de pandemia, pessoas e grupos sociais, principalmente, os mais vulneráveis em termos econômicos e sociais. Para isso, sete temas foram abordados, por um lado, cada um apresentou especificidades próprias das ciências que estavam relacionados e; por outro, todos convergiam no sentido de um melhor entendimento das questões políticas, sociais e educacionais do país.

A minha responsabilidade com o projeto foi desenvolvida na ação 7 – A filosofia, os embates políticos, a empatia, a inclusão, os sentidos da vida e da morte na pandemia

¹PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 135-B, DE 2019 (DA SRA. BIA KICIS E OUTROS)
Discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 135-B, de 2019, que acrescenta o § 12 ao art. 14, da Constituição Federal, dispondo que, na votação e apuração de eleições, plebiscitos e referendos, seja obrigatória a expedição de cédulas físicas, conferíveis pelo eleitor, a serem depositadas em urnas indevassáveis, para fins de auditoria.

A ação teve como objetivo multiplicar o gosto pela reflexão, pela capacidade de ler o mundo sob a batuta da liberdade um pouco tutelada por um diálogo orgânico, esmerado de fios condutores para que didaticamente se construísse e/ou se construa uma análise da realidade baseada no vigor da ciência que tem coração, pede afeto, pede abraço, pede carinho, pede razão, tolerância, respeito às diferenças, que é plural e diametralmente contraditória; uma nau sem rumo, sem lenço, sem documento, pede paz, mas se engalfinha nas suas guerras mais mesquinhas.

Ao fim e ao cabo, se buscava ajuda mútua entre professores (as) e acadêmicos (as) para que enfrentem momento tão complexo: a morte não consegue se explicar diante da vida, se discute um “novo normal”, pois o “antigo normal” não conhecia a pandemia, ela impôs isolamento social, descobriu-se a falta de empatia governamental, a produção de desafios que traumatizaram o já dito e o já posto.

Na terceira experiência, realizada por meio da disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pelos docentes Maria Claudino da Silva e Odorico Ferreira Cardoso Neto dentro do Curso “Aspectos da linguagem – revisão, atualização e reflexões sobre a língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa em nível de ensino fundamental e médio”.

A disciplina é trabalhada junto a 22 acadêmicos, dentro dela se desenvolve o curso para 60 cursistas (professores da rede municipal estadual, municipal, interessados em geral e egressos), tendo em vista que a pandemia não permitiu que acadêmicos e acadêmicas estivessem na escola. Os conteúdos propostos para a disciplina são desenvolvidos em forma de aula remota aos cursistas. Os temas são os seguintes:

Aula 01 – “No Princípio era o Verbo”: a Linguagem e a sua Importância na Vida das Pessoas – Professora Maria Claudino da Silva; A Linguagem em Paulo Freire – Professor Odorico Ferreira Cardoso Neto

Aula 02 – Funções da Linguagem – Valéria e Raissa

Aula 03 – As Tipologias Textuais – Monara e Ully

Aula 04 – Os Gêneros Textuais – Maiara e Paloma

Aula 05 – O que é um Texto – Maria Gabriela e Loalys

Aula 06 – A Poesia na Música Brasileira – Mizael e Ykaro

Aula 07 – O Gênero Textual Histórias em Quadrinhos – Lidiane e Natália

Aula 08 – Apresentação e discussão de uma obra da Literatura Regionalista – Hortência e João Marcelo

Aula 09 – Apresentação e discussão de uma obra da Literatura Brasileira – Jéssika e Emanuela – dia 02.09

Aula 10 – Apresentação e discussão de uma obra da Literatura Infantojuvenil – Julieli e Merielle

Aula 11 – Apresentação e discussão de um Poema Parnasiano – Rhayane e Kelly

Aula 12 – Apresentação e discussão de um Conto – Hally e Thalita

Dentro do contexto, quando da apresentação e discussão do tema “A Linguagem em Paulo Freire”, cursistas e acadêmicos foram instigados a produzir Cartas Pedagógicas, elaboradas em um contexto que envolve a Pandemia, tratando do entrecruzamento do Ato de ser Professor(a) e levando em consideração a teorização que ajuda na prática do uso da língua, do texto, das interfaces com a literatura, com o gênero e/ou gêneros textuais.

As Cartas Pedagógicas visam o diálogo, o debate entre diferentes visões acadêmicas, a troca de experiências educacionais, tendo como inspiração o pensamento de Paulo Freire e suas contribuições em relação a linguagem. A atividade gerará material para a produção de um dossiê a ser publicado na Revista Panorâmica. É uma ação em andamento sem o resultado final, mas a caminho de ser produzido.

As três experiências apresentadas são fruto do legado freireano, pois nos ajudam a esperar, colocar todo mundo para pensar, para agir, para fazer, para comemorar o seu centenário de forma engajada, repleta de empatia e amorosidade. Falando em esperar, seu lugar de fala é sempre muito poderoso e nos encoraja a não desistir

A ideia é fazer a razão e o coração fluírem e refluírem o sangue da esperança, mesmo que metaforicamente, do amor irresoluto pela educação que faz oxigenar nossa garra, nossa gana, reforça nosso desejo de fazer *com* e não *para*, que sabe a dor e a delícia revolucionária do conhecimento, dando “olé” na imbecilidade fascista que nos atormenta, aturdi nossa razão.

A educação mais do que nunca precisa estar no centro das atenções, pois não existem super-heróis, mas educadoras e educadores a mover a TERRA todos os dias a favor de outro mundo possível. educação em xeque, são os heróis da saúde se matando para salvar, mas sendo mortos pela falta de respeito, com falta de salários dignos, é uma nação dirigida por fascistas que preferem a morte à vida.

Para fechar, é possível vislumbrar nossos atuais e próximos desafios: a construção histórica da luta a favor da vida; um consenso possível sobre como enfrentar o “novo normal” e velhos dilemas, sobre autonomia vivencial e autonomia institucional, liberdade como parâmetro

democrático e de cidadania, superação da ação política de um governo para alcançar a consolidação da ação política de Estado; a afirmação da educação como direito universal, como dever do estado e como compromisso da sociedade, a pandemia não sei se nos tornará melhor, mas nos obrigará a pensar sobre o que fomos, somos e seremos. Parafraseando Marx, “oprimidos, uni-vos”! Sem união o “bicho pega”, o fascismo chega, a ignorância se estabelece e o direito ao conhecimento se esvai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos diante de um mundo tenso e denso, regado pelo conflito, pelos hiatos civilizatórios impostos de tempos em tempos à humanidade, lotada de pré-juízos, é mundo movimentado pela incerteza do dito, pelo não dito, às vezes, até pelo não pensado, por aquilo ou aqueles que representam as entrelinhas, pelo silêncio eloquente de uma elite incapaz de ser solidária, de apoiar a globalização que socializa riquezas. É utopia paradoxal sem lastro humanizador dos opressores, pois os oprimidos que se “lasquem”.

Viva a resiliência verbalizadora, mesmo com todos os senões da luta política quase feita de fé, mas, também, de razão fluída de memórias e sonhos vividos coletivamente e por viver em coletividades e identidades ainda não conformadas.

Abicalil (2021) lembra que em ano de Conferência Nacional Popular de Educação, com a imensidade de possibilidades de seminários e conferências livres, de autogestão popular e democrática de conferências municipais, regionais, estaduais, de tanta sede por encontrar e construir sentidos, mais do que nunca necessário se faz resistir aos fundamentalismos a fim de manter acesa a chama da paixão pela educação, multiplicar a esperança, acreditar em outro mundo possível ou outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

ABICALIL, Carlos. Dossiê 100 anos de Paulo Freire (Prefácio). In: **Revista Panorâmica**, UFMT-ICHS/CUA, Barra do Garças (no prelo)

BUARQUE, Chico. **Meu caro amigo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VT5j1CV-hQ>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Câmara dos Deputados. Proposta de Emenda à Constituição nº 135-B, de 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2220292>
Acesso em: 10 ago. 2021.

Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica,. 2008, p. 71-73.

Folha de São Paulo. 4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia, diz pesquisa. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. In: PADILHA, Paulo Roberto et al. (Organizadores). **50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido.** 1. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985. 188p. (Educação e tempo presente, 10).

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca: uma biografia filosófica.** Belo Horizonte: Vestígio, 2019, 269 p.

Vieira, A. Cartas Pedagógicas (verbete). In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org).

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica,. 2008, p. 236.